**Data:** 13.09.2021

**Titulo:** Jorge Sampaio e a "malta de 62"

**Pub:** Público

**Tipo:** Jornal Nacional Diário **Secção:** Nacional **Pág:** 8

QuickCom comunicação integrada

**Área:** 360cm²/ 38%

**Tiragem:** 72.253

FOTO

**Cores:** 4 Cores

**ID:** 7223326

## Espaço público

# Jorge Sampaio e a "malta de 62"

Nós, "a malta de 1962", perdemos no dia 10 de Setembro um dos nossos, o Jorge Sampaio.

É muito comovidamente que aceitamos a ideia de que deixamos de o ver e ouvir como pessoa presente. E que temos que o transformar em memória, como a de outros que já partiram. Mas este, que é um de nós, ganhou, ao longo dos quase 60 anos de verdadeira comunhão de experiências e convivialidade de um grupo muito alargado, uma simbologia muito especial. Ao longo destes 60 anos, decorreu História.

Em 1962, éramos um grupo de jovens que olhávamos à volta e víamos: proibição de associações, polícia nas faculdades, censura, prisões, "bufos" que nos faziam desconfiar de qualquer desconhecido. E também a proibição de celebrar o Dia do Estudante. Alguns foram mais longe e perceberam que tinha que ser travada a luta pela liberdade. Alguns dias depois já não eram só alguns, mas toda a universidade que estava de pé.

Jorge Sampaio era então o secretário-geral da RIA (Reunião Interassociações) e assumiu a liderança do movimento, com um conjunto de amigos de várias faculdades. E assumiu, com as características que lhe eram próprias. Não era o "chefe". No grupo dirigente analisava, discutia, decidia com o colectivo. E para a multidão, porque o era, no estádio universitário, falava com as palavras certas e inclusivas de quem estava em frente de socialistas, comunistas, republicanos, católicos, ou, na sua maioria, jovens que procuravam o caminho para lutar pela liberdade. Este grupo orgânico, que não era partido nem movimento, ficou cosido entre si pelo espírito de Jorge Sampaio.

A História e a vida vieram dar-nos razão que podíamos escolher Jorge Sampaio como símbolo. Esteve no Tribunal Plenário a defender presos políticos de forma solidária. Esteve nas Comissões Democráticas Eleitorais de Lisboa em 1969. Foi eleito presidente da Câmara Municipal de Lisboa, antecipando a unidade política de esquerda, que lhe era tão cara. Mas abriu à direita, a quem quisesse colaborar. E, finalmente, foi eleito Presidente da República. Discreta e serenamente, ousou dissolver o Parlamento quando o estado do Governo, aliás de substituição, ultrapassou o admissível.

Ousou como chefe supremo das Forças Armadas que não participassem na invasão do Iraque. Com que antecipada perspicácia e sabedoria o fez.

E é simbólico que tenha corrido a meio da noite, sem seguranças, sozinho na cidade, para salvar Timor.

E poucos dias antes de desaparecer apelava à solidariedade para sírios e outras vítimas da guerra que não era deles.

Em todos estes momentos, "a malta de 1962", dos vários matizes políticos, esteve com ele. Representava-nos.

Jorge Sampaio, o "nosso" secretário-geral da RIA, nunca deixou de nos honrar com a sua presença nas diversas comemorações do Dia do Estudante que levámos a efeito, mostrando sempre grande disponibilidade. E quando, já no final do seu segundo mandato, faz uma comemoração do 25 de Abril no Pavilhão de Portugal, não se esquece de convidar os seus velhos companheiros, "a malta de 62". E todos sentimos como Jorge Sampaio privilegiava, uma vez mais, os sentimentos da amizade e da solidariedade.

No próximo ano vai faltar ao nosso encontro, que será o do 60.º aniversário da Crise Académica de 1962, e que se realizou todos os anos até à pandemia. Sem sectarismos nem espírito fechado. Eramos, somos, inclusivos, no espírito de Jorge Sampaio. Outros desapareceram e estão connosco. Jorge Sampaio vai estar sempre presente.

> **Nós, "a malta de 1962", perdemos um dos nossos, o Jorge Sampaio. A História e a vida vieram dar-nos razão que podíamos escolhê-lo como símbolo**

**Pela Malta de 62,** Adalberto Casais Monteiro; Álvaro Soares de Almeida; Ana Benavente; António Correia de Campos; António Curvelo-Garcia; António Morais Arnaud; Artur Pinto; Carlos Alberto Sequeira; Carlos Macedo; Eliana Gersão; Feliciano David; Fernando Figueiredo; Filipe Carmo; Filipe Rosas; Francisco Leal Paiva; Helena Cabeçadas; Helena Pato; Herculano Ferreira; Graça Aníbal; Graça Ferreira; Inácia Neves; Isabel do Carmo; Joana Lopes; Joaquim Alexandre Ribeiro; Jorge Freire; Jorge Vasconcelos; José Brandão; José Guimarães Morais;José Carlos Abrantes; José Manuel Calafate; José Zaluar Basílio; Leonor Baeta Neves; Lúcia Ezaguy; Lucinda Vinagreiro; Luísa Corte-Real; Manuel Barata Simões; Manuel Macaísta Malheiros; Margarida Amaral Freire; Maria Eduarda Colares; Maria Eduarda Cortez; Maria Eugénia Malheiros; Maria João Gerardo; Maria da Luz Lima; Maria Manuel Calvet Ricardo; Maria Margarida Silva; Maria Otília Frazão; Maria da Piedade Ferreira; Mário Lino; Maximiano Gonçalves; Miracel de Lacerda; Noémia de Aríztia; Pedro Germano; Pedro Borges; Tereza Bento; Teresa Trigo de Sousa; Vera Adão e Silva; Vítor Matias Ferreira; Yolanda Barbosa